

O narrador benjaminiano presente nas memórias dos(as) trabalhadores(as) rurais em Araruna-PR

The Benjaminian narrator present in the memories of rural workers in Araruna-PR

Enviado em:06-03-2024

Aceito em: 12-06-2024

Gabriel Henrique de Souza¹

Cyntia Simioni França²

Resumo

Este artigo destaca nossa pesquisa na qual investigamos as práticas socioculturais dos trabalhadores rurais em Araruna-PR. Inspirados pelo filósofo, ensaísta e literato Walter Benjamin, buscamos compreender o município através das lentes dos sujeitos, no qual realizamos encontros com os trabalhadores rurais denominados "cultivos", promovendo uma abordagem dialógica com as memórias. O filósofo Walter Benjamin inspirou a pesquisa para pensar nas experiências dos trabalhadores rurais. Destacamos a resistência desses narradores em meio ao declínio da experiência com o avanço da modernidade capitalista (BENJAMIN, 1985). O aporte teórico-metodológico de memórias de Benjamin fundamentou as narrativas orais dos trabalhadores rurais e depois, foi materializado em mônadas. A pesquisa propõe uma abordagem participativa e interativa no processo de produção de conhecimento histórico.

Palavras-chave: Walter Benjamin, Memórias, Trabalhadores rurais

Abstract

This paper highlights our research in which we investigate the sociocultural practices of rural workers in Araruna-PR. Inspired by the philosopher, essayist, and literary figure Walter Benjamin, we seek to understand the municipality through the lenses of the workers, in which we conducted meetings with the rural workers called "cultivos," promoting a dialogical approach with their memories. The philosopher Walter Benjamin inspired the research to consider the experiences of rural workers. We highlight the resistance of these narrators amidst the decline of experience with the advancement of

1Mestre em História Pública pela Universidade Estadual do Paraná – Campo Mourão. Lattes:<https://lattes.cnpq.br/6237704257493649>. E-mail: gabrielhenriquedesouza21@hotmail.com

2 Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente do Programa de Mestrado em História Pública e do PROFHISTÓRIA da UNESPAR e professora do curso de licenciatura em História. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1533088932330150>E-mail: cyntia.franca@unespar.edu.br

capitalist modernity (BENJAMIN, 1985). Benjamin's theoretical-methodological approach to memories underpinned the oral narratives of the rural workers and was later materialized in monads. The research proposes a participatory and interactive approach to the process of historical knowledge production.

Keywords: Walter Benjamin, Memories, Rural workers

Introdução

Este artigo emerge das pesquisas realizadas durante a elaboração da dissertação de mestrado, intitulada *Cultivando experiências rurais: semeando com o público e colhendo novos espaços de memórias em Araruna-PR*³, no Programa de Pós-Graduação em História Pública da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) – Campus de Campo Mourão. Nosso foco foi investigar os saberes, fazeres, ensinamentos e práticas socioculturais dos trabalhadores rurais.

O local onde se encontram os sujeitos da pesquisa é a cidade no interior do Paraná chamada Araruna. Sua história local é pouco contada ao remetermos ao ensino de História ofertado nas escolas. Quando falamos da história da cidade, o que temos são as narrativas dos grandes empresários e políticos da região. Araruna, segundo dados do IBGE, possui cerca de 15 mil habitantes, e sua economia gira em torno da agricultura, mais especificamente com as plantações de soja, milho e trigo, além de cultivos de mandioca, café e cana de açúcar. Também conta com áreas voltadas para a pecuária de corte e leite, e mais recentemente, avicultura. Sua delimitação territorial faz divisa com cidades como Peabiru, Terra Boa, Cianorte, Farol, Tuneiras do Oeste, Jussara e Campo Mourão.

Devemos destacar que Araruna está muito além das fronteiras urbanas, e possui muitas comunidades rurais, como São Geraldo, São Martinho, Nova Brasília, Lirial de São Luís, Santa Ana, entre tantas outras que poucas vezes são lembradas. Conseguimos vislumbrar a grandeza que de fato o município possui, com suas riquezas que vem principalmente do campo. Araruna é popularmente conhecida pelas várias indústrias⁴, na qual as principais, a A.J. Rorato e a Pinduca Alimentos, sempre

3Dissertação defendida em 05 de dezembro de 2023 pelo Programa de Pós-Graduação em História Pública, da Universidade Estadual do Paraná – *campus* de Campo Mourão, orientada pela professora Cyntia Simioni França. Disponível em: <https://ppghp.unespar.edu.br/repositorios/dissertacoes-defendidas/turma-2022-2024>

44 Atualmente, sua área industrial possui cerca de 40 indústrias. Fonte: <https://www.solutado.com.br/empresas/pr/araruna/industrias#:~:text=Encontramos%2039%20ind%C3%B1strias%20em%20Araruna%2C%20PR>

são lembradas ao falarmos sobre o que foi a cidade no passado. Essa história é narrada junto com a ideia de que os “pioneiros”, ao chegarem aqui com suas famílias e começarem a desmatar a região, passaram a trazer o “progresso” e desenvolver a cidade.

Ao questionarmos como o município pode ser narrado pelos próprios trabalhadores rurais, procuramos ouvir as experiências desses trabalhadores dentro de seu contexto social. As memórias são potentes para desvelar o contexto social, histórico e cultural, ao mesmo tempo, em que representa um ato de resistência contra o apagamento das singularidades locais.

Para colocar em ação a pesquisa desenvolvemos oito encontros com os trabalhadores rurais denominados de cultivos. Trabalhamos com práticas de rememoração coletivas expressas em narrativas orais e escritas. Nesse artigo, recortamos o 6º As famílias de trabalhadores(as) rurais participaram de 8 encontros, chamados aqui de cultivos. Para que estes fossem desenvolvidos, parti do pressuposto de que trabalhar a História Pública atrelada às reflexões em torno das memórias (essas que se configuram para além de meros objetos), devem ser vistas como um meio potente para a produção de conhecimentos históricos para e com o público (trabalhadores rurais) nessa pesquisa. cultivo⁵.

Nossa reflexão com memórias foi inspirada no filósofo *Walter* Benedix Schönflies *Benjamin*, que nasceu em Berlim, Alemanha, no dia 15 de julho de 1892. Sua família era judia e tinha condições financeiras para oferecer a ele estudos e boas condições de vida. Mas isso não era visto com bons olhos por ele. Benjamin observava as contradições de sua vida tranquila com aqueles menos favorecidos, que iam desde mendigos até prostitutas, e isso o incomodava muito. Durante sua vida, foi filósofo, ensaísta, ficcionista, poeta, entre várias outras nuances, por meio das quais ele contribuía (e ainda contribui) para a compreensão de aspectos relacionados à memória, História, modernidade, tempo e tantas outras questões. Foi um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt, mas logo começou a se distanciar de seus pares e se alinhar aos ideais que realmente tivessem significados para si.

O filósofo trabalha com as memórias tanto por meio de um diálogo que se estabelece a partir da filosofia de Henri Bergson, quanto da psicanálise de Freud e Jung, e no diálogo com os literatos, Charles Baudelaire, Edgar Allan Poe e Marcel Proust. A memória, para Benjamin, não é um instrumento de exploração do passado,

⁵Mais detalhes sobre a elaboração do cultivo podem ser acessados pelo site, fruto dessa pesquisa, através do link: www.cultivosruraisdearuna.com.br

como mero fim, mas o seu meio: “É uma memória carregada de conhecimento, de saberes experienciais. A memória é onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas” (BENJAMIN, 1985, p. 239). Em outras palavras, a memória está vinculada a uma existência arqueológica, subjacente à vida cotidiana, por ser escavada, redescoberta nas várias camadas do tempo.

Por meio do diálogo com as memórias buscamos conhecer os saberes, os fazeres, os ensinamentos e as práticas socioculturais dos trabalhadores rurais da cidade de Araruna/PR. Quais ensinamentos as narrativas dos(as) trabalhadores(as) rurais podem nos contar? Escutar os trabalhadores rurais a partir do seu universo social é uma das possibilidades de compreendermos a potencialidade das memórias para (des)velar o contexto social, histórico e cultural de uma dada época bem como um ato de resistência ao apagamento de suas singularidades locais. Consideramos importante destacar que não é para “dar voz aos silenciados” que este trabalho se propõe, mas partimos da afirmativa de que “é imperioso detectar e entender as multiformes gradações e significações do silêncio e do esquecimento e suas regras e jogos” (MENESES, 1992, p.18). Por isso, não se buscou arquivar as memórias, mas ampliar suas vozes para que os diferentes grupos presentes na cidade interajam e conheçam essas experiências “outras” em Araruna. Assim, ampliando a dimensão humana e histórica dos trabalhadores rurais, que, por vezes, são marginalizados de suas histórias pela historiografia “oficial” da cidade.

Buscamos a possibilidade de semear novas experiências, sem esquecer daquelas sementes que caíram ao longo de suas jornadas. No futuro, esperamos que o broto de cada uma dessas experiências rememoradas possa render frutos, trazendo memórias desses e de outros trabalhadores rurais para a construção da cidade de Araruna. Convidamos caro(a) leitor(a), a mergulhar nas contribuições teórico-metodológicas de Walter Benjamin para conhecer essa pesquisa.

Walter Benjamin: como suas reflexões podem florescer nessa pesquisa?

Durante as rodas de conversa (cultivos), percebemos que os(as) trabalhadores(as) rurais se aproximam da figura do “narrador” benjaminiano, apresentado pelo filósofo em duas famílias diferentes. A primeira seria aquele marinheiro comerciante que viajou o mundo e possui muitas experiências para contar. Mesmo com sua importância, identificamos nos trabalhadores rurais, protagonistas

desta pesquisa, a segunda família de narradores, que seria aquele camponês sedentário que está há muito tempo na sua terra e tem saberes e ensinamentos a partilhar com as futuras gerações. Não é um narrador que fala, que reproduz uma série de informações, mas sim “o narrador benjaminiano que sabia dar conselhos” e que “expressa em palavras, mas não de forma cansativa e definitiva” as suas angústias e saberes em uma narrativa descontínua e aberta a inúmeras possibilidades (FRANÇA, PAIM, 2018, p.42).

A narrativa é “uma maneira artesanal de comunicação”, esta que vem se perdendo ao longo do processo de produção capitalista na modernidade, pois não encontra mais ouvintes para a partilha de narrativas e nem mesmo uma comunidade que desfrute de um mundo compartilhado com seus códigos, costumes e linguagens culturais (SCHITTINO, 2016). Emergir esse narrador significa um ato de resistência ao apagamento das pessoas em suas comunidades, a diluição das singularidades locais e perda das referências de suas práticas socioculturais coletivas.

Tanto Benjamin como Freud fazem uma denúncia ao dizerem que o narrador, e suas formas de transmitir experiência por meio de sua sabedoria de costumes socioculturais, entram em decadência justamente a partir da Primeira Guerra Mundial, quando os soldados voltam para suas casas e não conseguem expressar nenhuma narrativa sobre o que aconteceu nos campos de batalha. Freud chama de *trauma*, já Benjamin de *choque*, mas ambos chegam à conclusão de que esse acontecimento, fruto da modernidade capitalista, foi um dos precursores na crise do narrador (GAGNEBIN, 2013). A problemática em torno da narração e da memória não é exclusiva da literatura, mas também da reflexão em torno da historiografia crítica, política e militante. A morte do narrador está atrelada também ao esfacelamento da experiência, pois uma não sobrevive sem a outra.

O tempo/espço da narrativa estão em declínio com o avanço do capitalismo. Nela, podemos perceber o sujeito enquanto parte de um todo social, que faz parte de uma coletividade, e esse coletivo cada vez mais desaparece em nosso meio. Esse contexto faz com que cada vez mais os indivíduos transformem suas memórias em fatos isolados. Com o advento do romance e da informação (muito citado por Benjamin em suas obras), os sujeitos acabam perdendo sua habilidade de narrar, habilidade esta que é cada vez mais corroída pelo avanço da modernidade (GAGNEBIN, 2014).

Na concepção benjaminiana, o tempo atual é marcado pelo declínio das experiências narrativas. A “acelerada” modernidade capitalista, não há mais

tempo para ouvir Histórias – principais vias de transmissão da experiência em seu sentido mais pleno. Os textos jornalísticos, fontes de informação sucinta e de fácil assimilação não se incorporam à experiência do indivíduo guiado pelo imediatismo, pela efemeridade do instante. (FREITAS, 2015, p.162)

Com os avanços das novas tecnologias, a difusão da informação diminui cada vez mais o espaço da experiência trazida pelos narradores. A informação é algo raso, pois não permite de fato uma reflexão, ela simplesmente existe em um dia e no outro já não tem mais utilidade. A experiência trazida pelo narrador benjaminiano, identificado nos trabalhadores rurais, está em decadência, pois cada vez menos são ouvidas em nossa sociedade, e cada vez menos pessoas possuem essa capacidade de intercambiar experiências.

O “narrador” autêntico é visto como o “narrador épico”, que vem de uma vasta tradição de memória oral e popular, o que permite que ele, enquanto pessoa sábia, narre suas aventuras a partir de experiências (*Erfahrung*). Nas rodas de conversa com os trabalhadores de Lirial de São Luís e Santa Ana, é possível perceber resquícios de resistência desse narrador, que ainda sobrevive com suas narrativas carregadas de experiências significativas para a comunidade local. (GAGNEBIN, 2013).

Por mais distante que esteja, o narrador ainda sobrevive nas comunidades rurais. Mesmo com a modernidade batendo a porta, a experiência narrada nas palavras dos narradores ainda tem sua utilidade, o que “pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos” (BENJAMIN, 1987, p.200). Por isso, a narrativa não é como a informação, que se dissolve e escorre por nossas mãos em questão de minutos. A narrativa, carregada de experiências, conserva suas forças e, mesmo depois de muito tempo, é capaz de se desenvolver. Isso ocorre pela facilidade do narrador em transitar por diversos seguimentos de sua História. Como Benjamim (1987, p.215) afirma, “comum a todos os grandes narradores é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como numa escada. Uma escada que chega até o centro da terra e que se perde nas nuvens – é a imagem de uma experiência coletiva”.

O “verdadeiro” narrador não faz como os grandes teóricos da História, que trazem narrativas lineares e tentam ordenar cada palavra que ditam. Ao adentrar em suas narrativas, percebemos o quanto o narrador é sábio, pois:

Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida

(uma vida que não inclui a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. (BENJAMIN, 1987, p.221)

Os conselhos do narrador são visíveis nas falas dos trabalhadores rurais. Quando falam, trazem consigo a experiência do trabalho no campo, das festas na comunidade, de relações que jamais poderiam ser vistas se eles não tivessem o poder da narrativa. Tudo isso só é possível porque o narrador “tem suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais” (BENJAMIN, 1987, p.214).

Ele não é um mero transmissor de informações, porquanto é sábio e, ao realizar o ato de narrar, sabe que aquilo é realmente importante para que seja passado de geração em geração, algo que realmente mereça continuar vivo nas memórias de seus descendentes. Isso preserva sua experiência do esquecimento, e continua viva na comunidade na qual ele vive. O ato de narrar não serve apenas para salvar e conservar aquilo que foi narrado, como uma mera catalogação das memórias. A narrativa, que de fato foi feita pelo narrador, não precisa se preocupar em sobreviver, nem com o esquecimento, pois sabe que sua existência continuará viva no seio de cada um da sociedade (GAGNEBIN, 2013).

É por meio dessa narrativa que a experiência transmitida tem um saber prático, um ensinamento moral, plural e próprio da narração, sem ser aquela fala cansativa e corriqueira que estamos acostumados a ouvir em nosso dia a dia corrido (GAGNEBIN, 2008), a qual pode vir como conselho de vida ou até mesmo como um provérbio. A experiência em Benjamin não é como a vivência, carregada de pressa e atropelada pelos males da modernidade. Ela é a fonte do narrador, que passa de pessoa para pessoa e tem suas falas escutadas e seguidas, e não simplesmente esquecidas e jogadas fora. Seu conselho (sabedoria) é dado por meio das palavras, não de maneira definitiva, mas com certos receios: “Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver” (BENJAMIN, 1987, p.204).

Mesmo sendo cada vez mais difícil evidenciar essas narrativas na contemporaneidade, Benjamin nos mostra que é necessário estimular novas. É possível perceber, durante as rodas de conversa, o quanto ainda resiste o narrador benjaminiano nas falas dos trabalhadores rurais, não como nos modos de produção artesanal, mas narrativas numa perspectiva do *Erfahrung*, mesmo em uma sociedade que a cada dia avança pela regência do capital.

Benjamin não se preocupa apenas na memória trazida de maneira proposital, pelo desejo de saber sobre uma História, mas sim uma memória que está enterrada, que nunca veio ao solo. Nesse sentido, ele dialoga com Bergson, Proust e Freud para refletir sobre alguns dos aspectos dela.

Em Bergson, Benjamin busca as questões relacionadas à memória voluntária, aquela relacionada ao cotidiano de nossas vidas. Ou seja, é uma mera execução a partir de estímulos corriqueiros. Benjamin busca no literato Marcel Proust e na memória involuntária meios para ampliar a noção de memória.

A dinâmica entre lembrar e esquecer em Benjamin está ligada ao conceito de Proust sobre memória involuntária: “as formas de lembrar e de esquecer, como as de narrar, são os meios fundamentais da construção da identidade, pessoal, coletiva ou ficcional” (GAGNEBIN, 2014, p.218). É nele que Benjamin percebe a potencialidade do esquecimento, que se torna importante para o ressurgir da memória, ou seja, a memória involuntária é aquela que surge de repente, muitas vezes, daquilo que tinha esquecido. Em outras palavras, o trabalho de Penélope, que [...] aproxima texto, tecido, tecelagem e trabalho de rememoração, definido com precisão como um entrecruzamento entre o lembrar (a trama) e o esquecer (a urdidura). O véu de Penélope é a obra conjunta do tecer e do desmanchar, como o texto é a trama do lembrar e do esquecer (GAGNEBIN, 2014, p. 235).

O esquecimento tem um papel fundamental na memória. Não a amnésia ou os processos de esquecimento forçado desenvolvidos pelo capitalismo,⁶ mas um esquecimento adquirido, desenvolvido por um “trabalho de lembrança tão profundo que permite fazer as pazes com o passado” (GAGNEBIN, 2014). Com isso, entendemos a importância da memória involuntária, pois

[...]lança o indivíduo à outra dimensão temporal, ampla e indeterminada, na qual espaço e tempo são contemplados pela passagem da tradição. Nela, os conteúdos poderiam ser acessados espontaneamente, valendo-se de um fluxo ininterrupto de pensamentos não contaminados pelo aparente discurso da memória oficial (FREITAS, 2015, p. 168).

Benjamin nos propõe a ressignificar o papel da História no diálogo com as memórias involuntárias entrecruzadas com as voluntárias, em que o sujeito possa se reaver com seu passado e presente, em vez de esperar por um futuro vazio e sem

⁶À medida que a modernidade capitalista se desenvolve, há uma tendência à homogeneização cultural e à perda de memórias coletivas. As experiências passadas, muitas vezes relacionadas à tradição e à História, são obscurecidas e esquecidas em meio ao ritmo acelerado da vida moderna.

esperanças. Como afirma Seixas (2004, p. 51), “a memória, portanto, constrói o real, muito mais do que o resgata”.

A filósofa Jeanne Marie Gagnebin (2014) em diálogo com Benjamin, ressalta a importância da memória, não para “salvar” os vencidos, mas para libertar possibilidades de luta e ação no presente. Para isso, o ato de lembrar seria o ponto primordial para a possibilidade de uma escrita a contrapelo. Nas palavras de Gagnebin:

A “rememoração” (*Eingedenken*) é coletiva e política, mas não é de forma alguma uma “comemoração” oficial, organizada com bandeiras, desfiles e fanfarras para comemorar uma vitória, ou, então, um pedido de perdão (como parece ter se tornado uma prática governamental, aliás, muito honorável, em certos países.) Pelo contrário, Benjamin a associa à *memória involuntária* de Proust, traduzindo muitas vezes “*mémoire involontaire*” por “*ungewolltes Eingedenken*” (rememoração involuntária), em particular nos primeiros parágrafos de seu ensaio sobre o autor da *Recherche*, consagrados à dinâmica do esquecer e do lembrar (GAGNEBIN, 2014, p.260).

A partir da concepção de memória de Benjamin, é possível mudar as formas de vermos o passado, transformando nossa concepção no presente e dando luz ao nosso futuro. A professora Cyntia Simioni França (2020) ressalta que a rememoração benjaminiana “acolhe as memórias voluntárias e involuntárias. Embora prevaleçam, nas pesquisas contemporâneas, as noções de memória em uma perspectiva voluntária e racional, a dimensão involuntária das memórias tem se mostrado promissora na produção de conhecimentos históricos e educacionais”. (FRANÇA, 2020, p.306)

O trabalho de rememoração de Penélope, como Benjamin nos traz, é tecido artesanalmente, em que o mais importante é o movimento duplo dos fios, da dinâmica do esquecer e do lembrar, e ambos, esquecimento e lembrança, são evidenciados como “experiência do passado” (GAGNEBIN, 2014, p. 240).

O historiador Fábio Vedovato (2021, p. 57) destaca que Benjamin desconsidera a memória apenas “na dimensão da lembrança, como um movimento consciente e intencional, mais que isso, entende-as plenas de esquecimento. Assim, no ato de produção de conhecimento histórico junto com o movimento das memórias voluntárias emergem as involuntárias (afetividade e esquecimento)”. Nesse sentido, abre brechas para um novo florescer no presente, para o desabrochar de uma nova semente, esquecida, negligenciada (BENJAMIN, 1985).

No que diz respeito à dimensão temporal, os pensamentos benjaminianos podem contribuir por meio da relação entre memória e narrativa, pois o autor busca nas rupturas, nas brechas das narrativas dos sujeitos, rompendo com a ideia de tempo linear e ininterrupto.

A rememoração em Benjamin é atravessada pelos estudos de Bergson para pensar a memória voluntária e de Proust no diálogo com a memória involuntária.

As memórias involuntárias em Proust não surgem simplesmente para preencher linhas na escrita da História. Elas surgem independente da nossa tentativa de controle, mas está a ligadas à afetividade, ao íntimo, àquilo que estava soterrado e surgiu como um desabrochar no solo.

A rememoração em Benjamin é um ato político, com potencialidades de fazer mudanças no presente e alargamento do futuro. Não buscamos aqui um passado exato, no qual a memória seria uma fonte para alcançar determinado fato. Preocupamo-nos com o ato de rememorar, atentando-se às nuances que se estabelecem entre passado e presente, e que possam render frutos para o futuro.

É possível perceber que ao rememorar o ponto de partida não é o passado, mas sim o presente daquele que vive e narra. A rememoração em Benjamin é um ato de resistência aos apagamentos que a modernidade produz no presente.

Dialogamos com as memórias dos trabalhadores rurais e elaboramos em imagens monadológicas. O conceito de mônada em Walter Benjamin é inspirado pelo filósofo alemão Gottfried Wilhelm Leibniz, que apresentou a ideia de mônadas em sua "Monadologia" (1714). Para Leibniz, as mônadas são substâncias simples, indivisíveis e autossuficientes que formam a estrutura básica da realidade. Cada mônada é única e contém uma representação do universo inteiro de maneira específica e completa. Benjamin acolhe e adapta o conceito de mônada para sua reflexão sobre a modernidade nas passagens parisienses do século XIX como pequenos fragmentos que agrupam a totalidade das transformações sociais, econômicas e culturais da modernidade. Assim, cada passagem, em sua singularidade, reflete e revela aspectos essenciais da experiência moderna, funcionando como uma ruptura para compreender a totalidade histórica.

Essa adaptação do conceito de Leibniz permite a Benjamin compreender experiências individuais amalgamadas em práticas socioculturais coletivas. Benjamin entende que objetos, espaços e fenômenos culturais, quando vistos como mônadas, possuem o potencial de envolver e desvelar relações históricas complexas. Dessa forma, cada fragmento de memória pode ser interpretado como uma totalidade em

miniatura, uma porta de entrada para a compreensão do todo. Benjamin, influenciado por outras correntes filosóficas e literárias, como o marxismo, o surrealismo e a mística judaica, integra esses elementos em sua abordagem monadológica.

As mônadas são fragmentos de memórias que saltam de uma história que está sendo contada dentro do fluxo *continuum*, e cabe ao historiador perceber os lampejos dessas memórias voluntárias e involuntárias. “A mônada configura-se uma imagem da realidade em miniatura, a partir de um ponto de vista sobre o mundo e, ao mesmo tempo, o mundo sob um ponto de vista” (BENJAMIN, 2007), em que podemos flagrar uma história individual que se encontra com um coletivo, possibilitando uma abordagem micro e macro da História. Pretendemos, nas palavras de Benjamin:

[...]erguer as grandes construções a partir de elementos minúsculos, recortados com clareza e precisão. E, mesmo, descobrir na análise do pequeno momento individual o cristal do acontecimento total. Portanto, romper com o naturalismo histórico vulgar. Apreender a construção da História como tal. Na estrutura do comentário. Resíduos da História (BENJAMIN, 2009, p.503).

A partir das mônadas, entendemos a necessidade de lutar por um passado oprimido (BENJAMIN, 1987) que por vezes ficou à margem da historiografia tradicional, silenciando diversas vozes e sujeitos, sem que pudessem compartilhar suas experiências. “O materialista histórico só se aproxima de um objeto histórico quando o confronta enquanto mônada. Nessa estrutura, ele reconhece o sinal de uma mobilização messiânica dos acontecimentos, ou, dito de outro modo, de uma oportunidade revolucionária de lutar por um passado oprimido” (BENJAMIN, 2008, p.231).

As mônadas se configuram como uma metodologia neste trabalho, em que se apresentam ao longo da pesquisa em pequenos fragmentos, mas que carregam consigo uma infinidade de leituras e possibilidades. A partir das mônadas, buscamos acolher o saber da experiência, que entrecruza objetividade e subjetividade, racionalidade e sensibilidade.

Evidenciamos uma crítica trazida por Rovai (2018, p.189) na qual ela afirma que “não se deve simplesmente popularizar as histórias esquecidas” desses trabalhadores e “criar um excesso de informações”. A intenção dessa pesquisa caminhou ao contrário desta ideia, buscando ouvir as experiências pessoais que se encontram com o coletivo, percebendo os interesses e as necessidades desses trabalhadores rurais (ALMEIDA, ROVAI, 2013).

Convidamos, caro(a) leitor(a), a caminhar para conhecer um dos encontros realizados com os trabalhadores rurais e as cartas que foram produzidas.

O narrador benjaminiano presente nas memórias dos(as) trabalhadores(as) rurais

O fazendeiro e seus filhos

Um rico e já velho fazendeiro, vendo que não lhe restava muito tempo de vida pela frente, chamou seus filhos à beira do seu leito, e lhes disse:

"Meus filhos, escutem com atenção o que tenho para lhes dizer. Não façam partilha da fazenda que por muitas gerações tem pertencido a nossa família. Em algum lugar dela, no campo, enterrado, há um valioso tesouro escondido. Não sei o ponto exato, mas ele está lá, e com certeza o encontrarão. Se esforcem, e em sua busca, não deixem nenhum ponto daquele vasto terreno intocado."

Dito isso, o velho homem morreu. E tão logo foi enterrado, seus filhos começaram seu trabalho de busca. Cavaram com vontade e força, revirando cada pedaço de terra da fazenda com suas pás e seus fortes braços.

E continuaram por muitos dias, removendo e revirando toda porção de terra que encontravam pela frente. E depois de feito todo trabalho, o fizeram outra vez, e mais outra, duas, três vezes.

E nenhum tesouro foi ali encontrado. Mas, ao final da colheita, quando eles se sentaram para conferir seus ganhos, descobriram que haviam lucrado mais que todos seus vizinhos. Isso ocorreu porque ao revirarem a terra, o terreno se tornou mais fértil, mais favorável ao plantio, tendo como consequência, a generosa safra colhida.

Só então eles compreenderam que a fortuna da qual seu pai lhes falara era a abundante colheita, e que, a partir de seus esforços, como mérito, haviam encontrado o verdadeiro tesouro.

Autor: Esopo

Num dos encontros com os(as) trabalhadores(as) rurais, mais especificamente no sexto cultivo, eles(as) foram convidados a produzir uma carta para deixarem de conselho para as gerações futuras. Para inspirar suas escritas, compartilhamos a fábula "O fazendeiro e seus filhos", de Esopo, narrativa muito presente nas reflexões de Walter Benjamin. Nela, o narrador sedentário, no leito de morte, deixa conselhos valiosos para seus filhos, assim como as cartas redigidas por cada família desta

pesquisa. Caro(a) leitor(a), convidamos a leitura das cartas produzidas por cada trabalhador(a) rural.

Do que adianta a tecnologia se não formos sábios?

Hoje vivemos em dias difíceis. Ser agricultor e viver na agricultura não é fácil. Cada dia que passa fica mais desafiador, tem que ter muita força de vontade, coragem, além de tudo, ter amor pelo que faz. Estamos cheios de informações e tecnologias, mas não devemos nos esquecer do que nossos avós e pais nos deixaram e que as gerações de hoje estão se esquecendo, ou deixando de lado, que é o respeito ao próximo e a sabedoria. De nada vale tanta informação e tecnologia se não forem seres humanos sábios. Contudo, lute, tenha coragem e nunca deixe o desânimo tomar conta de você. Que dias melhores virão e jamais percam a fé em Deus que ele é maior.

“Ser um agricultor hoje é ser um herói diante de tantos desafios”.

Dorva e Cláudia Giupato Bassani

O maior bem que a gente tem, é a terra

Prezados,

A terra fornece o bem mais precioso, que é o alimento. O alimento é o nosso sustentáculo, nos nutre, nos mantém saciados e de pé. Por isso, é necessário que cuidemos dela, que vocês, nossas futuras gerações, cuidem e zelem dela como nós e os seus antecessores cuidaram um dia. Continue nossa História, nossos costumes e as nossas tradições. Zelar de algo tão valioso é gratificante e satisfatório. Sem o homem do campo, o homem da cidade não come, sem isso eles não serão capazes de desfrutar os prazeres da vida. Acolhemos-vos e cuidar do campo junto com as vossas famílias, aproveitando o amor que os vossos os contaram.

Cleide e Severino Nascimento Giupato

Prestem atenção nas belezas ao seu redor

Araruna, 10/12/2022.

Venho através desta carta aconselhar os nossos filhos Rafael e Danielli, que sejam adultos responsáveis e nunca deixe de sonhar e lutar por seus objetivos. Coloque sempre Deus acima de tudo o que for fazer, sejam amorosos e não gananciosos, ganhe o suficiente para criar seus filhos com respeito e dignidade. Valorize que seus pais nos deixaram, pois tudo que tem foi construído com muito esforço e determinação. E que saibam usar a tecnologia que tem hoje de maneira correta e o celular seja usado com moderação, prestando atenção que o que tem ao seu redor é muito mais atrativo e saudável. E que o amor a Deus e o respeito ao próximo seja a maior fonte em suas vidas, sejam felizes e Deus os abençoe.

Assinado, Aparecida e Antônio. Obrigado.

Continuem cultivando nossas tradições!

Para os cuidadores das memórias e Histórias para que sempre cultivem as tradições, os costumes, os encontros em família. Esperamos que as crianças, os jovens, cultivem sempre os costumes, respeitando os agricultores, os pecuaristas, desde os mais pequenos até o maior, porque cada um faz grande diferença para o

povo do mundo inteiro. Todas as gerações devem estar cientes de quanto o trabalho e os costumes e as tradições são importantes para a união de todos os povos, não importa onde estejam.

Iraci e Erasmo Souza

Que as gerações futuras tenham orgulho de nós

A experiência que tentamos deixar é de um trabalho com honestidade, sem desanimar nem desistir, buscando sempre melhorar, tentando acompanhar o desenvolvimento e a tecnologia. Mesmo não sendo fácil e nem barato, para que as gerações futuras lembrem com orgulho de nós hoje, como lembramos de nossos pais e avós que trabalharam tanto para que tivéssemos mais conforto hoje e uma vida melhor e mais fácil.

Queremos agradecer ao Gabriel e sua esposa por nos estar ajudando a recordar Histórias e passagens que já estavam ficando esquecidas na memória de um tempo que era mais sofrido, mas de muito mais companheirismo entre os moradores e vizinhos.

Josi e Nilson Bassani

Não sintam vergonha de dizer “eu sou da roça”

Experiências do campo. Meus queridos jovens, nunca sintam vergonha de dizer, ‘eu sou do campo’ ou ‘eu sou da roça’, pois é do campo ou da roça que tiramos o nosso sustento, o alimento que produzimos para matar a fome de tanta gente, ou melhor, de muitos brasileiros, que moram na cidade e muitas vezes desfazem, humilham as pessoas que moram e trabalham no campo. Seja simples, seja humilde, valorize as pessoas. Sei que no mundo de hoje existe “N” tecnologias para tudo, mas nunca se esqueçam, Deus é maior que tudo. O amor é maior que toda essa tecnologia e, acima de tudo, nunca seja o que os outros querem que você seja, em primeiro lugar, seja você mesmo, ame a vida, pois ela é um presente de Deus para você.

Luiz e Evanir Malaco

Nós moramos na melhor comunidade do mundo!

Lirial de São Luís, dia 10 dezembro 2022.

Queridos irmãos e irmãs,

Com muito prazer vou deixar algumas palavras escritas para as novas gerações. Querido povo do Lirial, nunca desanime nas horas difíceis, porque em cada batalha sairemos mais forte, porque Deus está conosco. Seja um bom cristão, que Deus jamais te abandona. Eu sempre falei para os meus filhos, se for para dar prejuízo para alguém que você leve prejuízo. Se você for maltratar alguém que você seja maltratado. Se for copiar alguma coisa de alguém, copiei só o que é bom, porque o que é ruim, o encardido tá cutucando todos para fazer o mal. Que o Espírito Santo ilumine a nova geração para que não se perca nas drogas, nas prostituições, nas bebedeiras que eles procurem mais as coisas de Deus e siga a doutrina da bíblia e lute por este país, que é o melhor do mundo, Terra de Santa Cruz. E nós moramos no melhor país do mundo e na melhor comunidade do Brasil.

Celso e Inês Maiolli

Durante as mônadas construídas por meio das cartas dos(as) trabalhadores(as) rurais na segunda parte deste cultivo, as famílias dos

trabalhadores(as) rurais trouxeram aquilo que mais ficou latente ao longo de suas vidas, ou seja, uma experiência que realmente deveria ser passada para as próximas gerações. Destacamos que, em nenhuma das cartas temos uma receita ou passo a passo que deve ser seguido para alcançar determinado objetivo, longe disso. O que temos é o narrador tradicional, evidenciado por Benjamin, trazendo consigo experiências que apenas eles(as) possuem, por estarem ligados aos eventos narrados. É uma experiência que tem sentido na vida dos(as) trabalhadores(as) rurais, e não simplesmente um fato a ser transmitido.

Na carta da família Giupato Bassani, percebemos a mônada “Do que adianta a tecnologia se não formos sábios?”, onde a família denuncia que o acúmulo de informações ocasionadas pela modernidade capitalista não servirá se forem vazias e sem sentido. Para eles, o maior conselho que permanece é se inspirar nas experiências das gerações passadas, ressignificar novos saberes. Nas palavras da professora e pesquisadora Marli Basseto (2022, p.95), entendemos “[...]que as narrativas diminuíram no campo, porém as pessoas continuam dispostas a trocar experiências; o que precisa é burlar o tempo, ouvido distendido e oportunidade para romper a era da informação e permitir que algo nos aconteça”.

Já na carta da família Nascimento Giupato, na mônada “O maior bem que a gente tem, é a terra”, o casal de trabalhadores rurais nos alertam para algo que já deveria estar claro para todos os seres humanos: o cuidado com a terra. Nas palavras de Tuan (1983), podemos flagrar uma família que identifica na terra, presente no mundo rural, um lar, um acolhimento, um lugar de repouso, não apenas devido as questões econômicas fornecidas por ela. Este alerta serve para nos atentarmos ao valor da terra, do campo e dos(as) trabalhadores(as) rurais, para valorizarmos seu empenho e sua dedicação com o espaço rural.

Na carta escrita por Aparecida e Toninho Ramalho, na mônada “Prestem atenção nas belezas ao seu redor”, flagramos novamente a denúncia de uma tecnologia que pode ajudar, mas que, se não for utilizada com cuidado, pode resultar em muito mais malefícios do que benefícios. Assim como na carta da família Giupato Bassani, percebemos a preocupação em deixar para seus filhos e netos a valorização das gerações passadas, do seu esforço e de tudo que foi feito para que eles pudessem ter uma vida mais digna e tranquila. E mais do que isso: ficar atentos as belezas ao nosso redor, e não deixar que essa modernidade que vem adentrando o campo nos prive de vislumbrá-las.

Nos escritos da família Souza, na mônada “Continuem cultivando nossas tradições”, há uma preocupação para as futuras gerações: de que continuem mantendo as tradições da comunidade. A partir do cultivo dessas crenças, saberes e costumes, o respeito para com o(a) agricultor(a) deve ser igualmente valorizado, sabendo da sua importância para a sobrevivência da humanidade.

Na carta trazida pela família Bassani, com a mônada “Que as gerações futuras tenham orgulho de nós” e na carta da família Malaco “Não sintam vergonha de dizer “eu sou da roça” percebemos que os(as) trabalhadores(as) rurais querem deixar também um sentimento de orgulho por serem do campo. Por tantas vezes que foram discriminados, desrespeitados ou até mesmo menosprezados por serem do mundo rural, em suas cartas eles relembram que não devemos desanimar frente a tantos desrespeitos. Precisamos fazer o que eles já fazem a muito tempo: resistir. Resistir às palavras de ódio, de menosprezo, de desvalorização que, com frequência, são proferidas contra o homem ou a mulher do campo. Somente com a resistência encontraremos brechas para compartilhar as experiências e os saberes do mundo rural.

Nas mônadas podemos flagrar narrativas carregadas de sensibilidades, dores, angústias, denúncia e resistência. Captamos denúncias de um mundo rural que cada vez mais se vê sem apoio, seja da sociedade, com seu desprezo por aquele que vem do campo, ou da própria política do país, que enxerga apenas o agronegócio exportador e marginaliza as pequenas famílias que alimentam os brasileiros. Em 2023 passamos por um momento de tristeza, tanto pela questão da pandemia, devido ao governo federal genocida e negligente⁷ que via seu povo morrer de fome e nada fazia. A resistência que flagramos nas mônadas são de trabalhadores(as) rurais que possuem pouco ou quase nada de apoio, financeiro e braçal, e, muitas vezes, resistem no campo pelo seu amor pela terra. Mais do que isso, que dizem com orgulho que fazem parte da agricultura familiar e trabalham para manter a mesa do brasileiro(a), para o fim da miséria e acumulação de bens. Afinal, se eles(as) não fizerem, quem fará esse trabalho por eles e por nós?

Finalizamos as reflexões dos encontros coletivos com a mônada “Nós moramos na melhor comunidade do mundo!”, flagrada na carta da família Maiolli. Nela, percebemos a alegria e o orgulho das famílias de viverem em uma comunidade rural,

7Mais informações em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml>

seja do Lirial de São Luís ou da comunidade Santa Ana, do Taquarimbé, do Pinhalzinho, ou de outros presentes em Araruna e por que não em outras áreas rurais do país? Os(as) trabalhadores(as) rurais sentem orgulho de serem do campo, pois é nele que eles identificam sua felicidade, seu lugar de pertencimento e fortalecimento identitário. Não nas tecnologias, muito menos na cidade e suas “regalias”: é no mundo rural que encontram as experiências coletivas que possuem significados em suas vidas.

Após o diálogo com tantas experiências, destacamos que, obviamente, não conseguimos trazer tudo que foi compartilhado durante as rodas de conversa. Muito foi deixado de lado, não pela sua falta de relevância, mas pelo espaço delimitado que o próprio artigo carrega. Mesmo assim, trouxemos aquelas narrativas que mais ficaram evidentes nas lembranças dos(as) trabalhadores(as) rurais. Convidamos, caro(a) leitor(a), à algumas inconclusões.

(In)Conclusões para repensar o mundo rural

Percebemos ao longo dos estudos um flagrante de múltiplas memórias que estavam soterradas e que emergiram durante a produção de cartas que foi potencializada no diálogo com a parábola.

São memórias carregadas de saberes, experiências, angústias e múltiplas realidades imersas nesse mundo rural. Durante os encontros com os(as) trabalhadores(as) rurais, emergiram saberes de uma vida de dedicação à terra. O valor intrínseco da terra foi enfatizado pela família Nascimento Giupato, que ressaltou o solo como o maior bem que possuímos, fundamental para o sustento e a continuidade das tradições familiares. A necessidade da manutenção dos costumes e o respeito pelo trabalho agrícola foi sublinhada pela família Souza.

Tais experiências se veem com pouco espaço de acolhimento devido ao avanço dos modos de produção capitalista. Nas palavras de Basseto, compreendemos que com o avanço da modernidade capitalista os camponeses foram expulsos da área rural, e os que resistem enfrentam o desenraizamento em relação ao espaço e a “um modo de vida citadina que torna as pessoas estranhas e individualistas” (BASSETO, 2022, p.37). Os fazeres desses(as) trabalhadores(as) refletem a coragem e a resistência diária frente às adversidades compartilhadas pela família Ramalho, que alertou sobre os perigos do uso indiscriminado da tecnologia e a importância de

prestar atenção nas belezas ao redor. As angústias reveladas nas cartas expressam preocupações com o futuro da terra, o uso responsável da tecnologia e o reconhecimento do trabalho rural, como demonstrado pela família Malaco, que aconselhou os jovens a não sentirem vergonha de serem do campo.

As múltiplas realidades dos(as) trabalhadores(as) rurais são evidenciadas nas narrativas de orgulho, luta e esperança. A família Bassani espera que as futuras gerações tenham orgulho de suas raízes rurais e da honestidade e esforço dedicados ao trabalho no campo. A família Maiolli, por sua vez, expressou alegria e orgulho de viver em uma comunidade rural, considerando-a a melhor do mundo. São cartas que demonstram que a vida no campo, com suas complexidades e desafios, é marcada por uma profunda ligação com a terra e um compromisso contínuo com o “legado” das gerações passadas.

E em meio a tantas imposições, encontramos resistências. Seja nas memórias dos(as) trabalhadores(as) rurais, e/ou na sua luta para continuar trabalhando no campo, ou ainda em todo ato que fazem em seu cotidiano para manter suas tradições, costumes e ensinamentos. Numa perspectiva benjaminiana as cartas partilham “experiências vividas” (*Erfahrung*), que contrastam com as “vivências imediatas” (*Erlebnis*) da modernidade, frequentemente superficiais e fragmentadas. Entendemos que a transmissão dessas memórias não é apenas um ato de preservar o passado, mas um meio de fortalecimento identitário e de enraizamento temporal e espacial. Inspirados em Benjamin, entendemos que ao ressignificar essas experiências, as novas gerações possam encontrar sentido e orientação em um mundo dominado pela tecnologia e pela informação instantânea.

Por fim, o que vemos nas cartas é a presença ainda viva do narrador sedentário, que deixa seus conselhos para as gerações futuras sem tentar elaborar um manual finalizado, como fazem as teorias da História. O que eles(as) buscam é deixar sua experiência, ou seja, o saber prático para a vida rural. Esperamos que outros(as) trabalhadores(as) e pesquisadores(as) possam ser estimulados a ressignificarem essas experiências na relação com as suas próprias e outras pesquisas sejam inspiradas para acolherem as memórias de sujeitos “apagados” pela historiografia local de várias regiões de nosso país.

Referências:

ALMEIDA, J. R. ROVAI, M. G. de Oliveira (Orgs.). **História pública: entre as “políticas públicas” e os “públicos da História.** XVII Simpósio Nacional de História, Natal, 2013. Disponível em https://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364156201_ARQUIVO_TextoFina ANPUHNATAL_HistoriaPublica_2013.pdf. Acesso em 06 nov de 2023.

BASSETO, M. B. **Aparecida do Oeste: memórias e narrativas dos estudantes do campo sobre o lugar em que vivem.** 2022. 83f. Dissertação. Mestrado em História Pública - Programa de Pós-Graduação em História Pública da Universidade Estadual do Paraná, *campus* Campo Mourão, Campo Mourão, 2022.

BENJAMIN, W. Teoria do conhecimento, teoria do progresso. In: BENJAMIN, Walter. **Passagens.** Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e histórica da cultura.** Obras escolhidas. Tradução de: Sérgio Paulo Rouanet. Volume 1. 1.ed. São Paulo: Editora brasiliense s.a, 1985.

BENJAMIN, W. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política.** 7. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BENJAMIN, W. In **Obras Escolhidas II.** Rua de Mão única. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

FRANÇA, C. S.; PAIM, E. Memórias e Narrativas Benjaminianas. In: Elison Antonio Paim; Pedro Mülbersted Pereira; Ana Paula da Silva Freire. (Org.). **Diálogos com Walter Benjamin: memórias e experiências educativas.** 1. ed. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, v. 1, p. 39-59, 2018.

FRANÇA, C. S. **Memória como meio de produção de conhecimentos históricos.** Revista Memória em Rede, v. 12, p. 298-316, 2020. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/14858>. Acesso em 06 nov de 2023.

FREITAS, G. H. L. **O papel da memória involuntária em Walter Benjamin para o historiador.** Labirinto (UNIR) , v. 23, p. 157-171, 2015. Disponível em: Acesso em 06 nov de 2023.

GAGNEBIN, J.-M. **Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin.** São Paulo: Editora 34, 2014.

GAGNEBIN, J.-M. **Documentos da cultura/documentos da barbárie**. Ide (São Paulo), v. 1, n1, p. 80-82, 2008. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0101-31062008000100014. Acesso em 06 nov de 2023.

GAGNEBIN, J.-M. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GALZERANI, M. C. B. A produção de saberes históricos escolares: o lugar das memórias. In: **O Historiador e seu tempo**. São Paulo. Unesp, p.72-77, 2008.

MENESES, U. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 34, p. 9-24, 1992. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70497>. Acesso em 06 nov de 2023.

ROVAI, M. G. de O. Publicizar sem simplificar: o historiador como mediador ético. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo & MENESES, Sônia (orgs.) **História pública em debate: patrimônio, educação e mediações do passado**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

SEIXAS, J. A. de. Percursos de memórias em terras de História: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (orgs.). **Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

SCHITTINO, R. O conceito de público e compartilhamento da História. In MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). **História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

VEDOVATO, Fabio. **(Com)partilhando as memórias das experiências dos professores na interface com os patrimônios culturais**. Tese (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Paraná. Campo Mourão, 2021.